RESENHA

RESENHA

ILHA DE PACAMOREMA E DESENVOLVIMENTO EM DISCUSSÃO

Mauro André Costa de Castro[1]

SIMONIAN *et alli*, Ligia T. Lopes. ***Pacamorema/RESEX Mãe Grande***: terra de feiticeiras ou metáfora para impasse ao desenvolvimento? Belém: Editora do NAEA, 2012. 175 p., il.

Resumo: As autoras discutem sob a ótica da antropologia do desenvolvimento e da interdisciplinaridade a realidade de Pacamorema, localidade situada no nordeste paraense pertencente à Resex Mãe Grande de Curuçá, PA. Questiona-se o porquê dessa localidade, que apesar de supostamente dispor de fartos recursos e dos avanços materiais recentes, pouco tem usufruído dos processos de desenvolvimento. O livro é composto de sete capítulos incluindo introdução e as considerações finais, mais anexos. Na introdução as autoras descrevem as abordagens sobre desenvolvimento local, referências bibliográficas e o método de pesquisa. No primeiro capítulo se discute os conceitos analíticos que norteiam o trabalho; no segundo se faz a descrição geográfica e a ambiência da ilha; no terceiro, são tratados aspectos da história local e suas conexões com o mundo externo; no quarto se faz a análise da conjuntura socioeconômica e cultural da ilha; no capítulo cinco discorre-se sobre o isolamento da ilha, a questão fundiária, migração e as mudanças desde 1980, entre outros aspectos; o sexto capítulo trata das políticas e ações públicas propostas para essa localidade e RESEX Mãe Grande; nas considerações finais se faz a reflexão acerca do desenvolvimento do local ao global e suas complexidades.

Palavras-chave: desenvolvimento, comunidade, áreas protegidas, Amazônia.

Da percepção histórica estabelecida entre as possíveis formas do desenvolvimento, cultura e comunidade importam ao interesse acadêmico. A partir da antropologia do desenvolvimento e da interdisciplinaridade, a obra levanta questões sobre a realidade de uma comunidade amazônica contemporânea, a ilha de Pacamorema, que, embora possua fartos recursos e benefícios fornecidos pelos avanços materiais recentes, pouco se desenvolveu.

A Amazônia tem sido o foco de diferentes estudos que vão da política à cultura, etc., e particularmente a sua parte oriental se configura um leque para pesquisa, incluindo no campo do desenvolvimento (GOMES; VIRGOLINO, 1997) a qual Curuçá e suas zonas citadinas e rurais são exemplos. Pacamorema, como um lócus rural repleto de histórias e tradições, é passível de mudanças, e investigações no campo da antropologia do desenvolvimento são necessárias.

Pacamorema é identificada ao mesmo tempo como a denominação de uma ilha, do rio que a banha e do povoado (Pará, 2007), pertencentes ao município de Curuçá, estando circunscritos na

[1] Cientista Social - Antropologia (UFPA) e Especialista em Áreas Protegidas e Unidades de Conservação (NAEA/UFPA), Mestre em Agriculturas Amazônicas e Desenvolvimento Sustentável (INEAF/ UFPA/EMBRAPA).

RESEX Mãe Grande. Tal ambiente é descrito por Simonian (2010- 2007) como florestal e fluvio-costeiro marinho do salgado paraense, importante por ter enorme diversidade, porém seus recursos estão ameaçados.

Há muito se sabe que as populações amazônicas têm uma relação íntima com o meio ambiente, porém apenas isso não lhes basta à sua reprodução biossocial. Como em muitas povoações da Amazônia, o desenvolvimento trouxe a Pacamorema necessidades infraestruturais, como energia elétrica, transporte, saúde e outras.

O tema desenvolvimento, quando pensado para as regiões periféricas, foi até certo tempo sob uma perspectiva europeia. Apenas quando se começou a dar atenção à degradação ambiental e aos problemas a ela relacionados, essa perspectiva se converteu a uma concepção crítica em relação à maneira economicista de pensar o desenvolvimento. As implicações desses estudos levantam como questões essenciais quais os efeitos das políticas públicas e que ações de desenvolvimento vêm sendo implantadas na ilha, se há espaço para participações dos seus habitantes e o que isso significa para a gestão dos recursos naturais?

Os levantamentos feitos pelas autoras apontam que tais políticas exercem pouco impacto na região, o resultado se faz sentir negativamente no meio ambiente e nos seres humanos. Pacamorema integra uma RESEX e como unidade de conservação de uso sustentável requer que seus recursos não só sejam explorados, mas também conservados; por tanto há de se considerar o elemento humano e a atenção às questões políticas e à gestão pública dos recursos naturais.

A costa estuarina é um dos espaços mais importantes do Brasil por ser um berçário de diversas espécies (Mello, Mochel, 200-). Essas também são as características socioambientais de Curuçá e de Pacamorema. A geomorfologia da região é formada por reentrâncias conhecidas por "rias", possui pouca profundidade e se estende do Amapá ao Maranhão. A abundância em recursos pesqueiros favoreceu o povoamento da área desde as antigas culturas ceramistas aos colonos a partir de onde se encontra Curuçá.

A região, antes composta por densa cobertura florestal, após o avanço dos povoamentos que partiram de Curuçá, se transformou, e agora é apenas fragmentária; manguezais e campos naturais são ainda encontrados. De todos os recursos dispostos na região a água é o que mais marca a vida das pessoas, sendo associada ao Atlântico e à diversas praias. O ciclo pluviométrico e a influência das marés em Pacamorema favorecem as atividades de navegação e a pesca artesanal, que tem enfrentado inúmeros problemas, entre eles a redução de estoque. O clima é tropical úmido; a flora é composta de mata densa, campos com vegetação baixa tendo como característica árvores frutíferas e arbustos. Além da fauna aquática, os vegetais e outros animais viabilizam a vida humana na região.

A documentação histórica indica que entre os primeiros habitantes de Pacamorema estão os Tupinambá, que, fugindo do escravismo colonial português, migraram do Sudeste para Amazônia; é provável que ocupações humanas ainda anteriores pudessem ter vivido ali.

Os arreios de pesca são tradicionais, a plantação de mandioca obedece à classificação e aos modos complexos de plantio amazônicos visando à produção de farinha. A gastronomia local é composta dos subprodutos da mandioca, de peixes, dos mariscos, do turu e da caça. Como traço da cultura paleoíndia em Pacamorema, as autoras identificaram que o mundo mágico-religioso faz parte do cotidiano e do imaginário desse povoado, o que faz com que a ilha seja identificada também como "terra de feiticeiras", fato que evidencia a sua diversidade cultural.

Não se pode precisar documentalmente quais foram os primeiros habitantes de Pacamorema, mas há evidências documentais de que os jesuítas tenham catequizado os indígenas que ali se estabeleceram pelo fato de o terem feito com os Andirá, próximo a Curuçá. O rio Pacamorema é utilizado desde o período colonial como rota de navegação entre Pará e Maranhão, e esse vai e vem de pessoas embarcadas contribuiu para o povoamento do lugar.

Provavelmente a ocupação por neobrasileiros remeta ao período de 1731, e relatos orais comprovam que já no início do séc. XX existiam no lugar duas vilas cujos moradores eram não indígenas. Apesar das poucas transformações socioeconômicas que o povoado experimentou durante a passagem do século XIX para o XX, a sua população pouco empreendeu quanto ao processo de desenvolvimento justo, e o que pôde ser constatado pelas autoras foi a consolidação do denominado como versão endógena ou "cabocla" do subdesenvolvimento.

O isolamento marca Pacamorema desde 1930 até 1980, situação que resultou na perda de sua força política. A sua pouca influência na política local é um dos fatores atribuídos por seus moradores à ausência de políticas federais direcionadas ao desenvolvimento local entre o período de 1960 a 1980; condições essas que só começaram a ser revertidas nas duas últimas gestões federais recentes. Entre esse período, as autoras notaram que as mobilizações por direitos coletivos na ilha foram raríssimas.

As antigas festas ainda são lembradas no município como ricas em suas manifestações, elas reforçam a tradição indígena e religiosa das comunidades das quais Pacamorema faz parte. É urgente a necessidade de se registrar esses folguedos, além de outros aspectos culturais, para que efeitos deletérios das novas mídias não comprometam a história local. O isolamento também fez com que o sistema educacional caminhasse a passos lentos, embora se identifique, na fala local, a valorização e o desejo de melhorias nessa área, apesar de algumas poucas melhorias, a educação não avançou.

Os rios, além de fornecerem o maior suporte de sobrevivência, são também a melhor

alternativa de divertimento local, além do futebol e da televisão. A economia é essencialmente de subsistência, ali se realiza o mutirão (puxirum) como forma de arregimentação para o trabalho; na divisão do trabalho por gênero, a maior parte do serviço nas roças cabe às mulheres e da pescaria, aos homens; a produção artesanal é composta de utensílios para usos domésticos, e os trabalhadores são considerados polivalentes.

As autoras observaram que os moradores da ilha estiveram sempre ausentes da vida política local, com tendência fraca à participação ao associativismo, fato possivelmente atribuído ao seu isolamento e precariedade da situação socioeconômica local. Desde 1979, mudanças vêm se operando em Pacamorema. A primeira é ligada aos agentes públicos locais; e a segunda, a partir de 2000, é decorrente do Decreto da RESEX Mãe Grande de Curuçá (Brasil, 2002a) do governo federal e está relacionada à inclusão socioeconômica.

No período de 1970 a 1990, praticamente nada se fez em termos de políticas públicas em Pacamorema, além de poucas obras de infraestrutura. Dentre as mudanças mais marcantes notadas pelas autoras, destacam-se a inserção das famílias nos sistemas assistenciais do governo federal, a construção de casas mal-acabadas pelo INCRA e a instalação da rede elétrica, todas em virtude da criação da RESEX.

Com relação às políticas públicas para conservação, em Pacamorema, nada se fez, inclusive quanto aos recursos naturais, a população se divide em relação à exploração comercial desses recursos. Quanto ao processo participativo, essencial ao desenvolvimento local, os pacamoremenses não têm sido atuantes, a associação local é inoperante e a atuação do poder púbico municipal é apenas residual. Ainda, alternativas de renda, como o aproveitamento sustentável dos recursos naturais como as frutas e o turismo de base comunitária, podem alavancar o desenvolvimento local e dinamizar a economia da ilha.

O livro expõe um apanhado de questionamentos e desafios sobre a região do salgado. As autoras esperam que o livro sirva de norte aos atores públicos sobre as ações que possam ser tomadas em relação ao desenvolvimento de muitas comunidades da região do Salgado, e por que não da Amazônia, visto que a região tem sido o teatro de toda sorte de interesses, tanto no que diz respeito à conservação do bioma quanto aos interesses econômicos que a estão minando. A ilha de Pacamorema e a RESEX Mãe Grande de Curuçá são vistas como catalisadores do modelo precário de gestão tanto do município quanto do país. Há a necessidade de se pensar o desenvolvimento com inclusão e responsabilidade social considerando as tradições das pessoas do local como elementos essenciais na composição das ações que levem ao desenvolvimento endógeno.

O livro retrata uma investigação acurada sobre algumas especificidades regionais de uma típica comunidade amazônica e seus problemas mais candentes, a saber, sobre o desenvolvimento

local em povoamentos situados em unidades de conservação (UC). Enfim, a pesquisa revela em seu âmbito inovações diversas no campo da história da região, diferente da maioria das publicações sobre a Amazônia em um contexto de UC, que trazem informações sempre gerais (tamanho da UC, fisiologia da floresta, fauna, bacias hidrográficas e *en passant* notas sobre a população, etc.). A obra em questão trata das pessoas e da região sob um ponto de vista baseado nas suas especificidades tradicionais marcadas pelo tempo.

Nele, além da comunidade ser retratada sob o aspecto tradicional e suas relações com o ambiente e a biodiversidade, se faz um paralelo com os seus modos de vida mais ancestrais. Essa abordagem os remete diretamente aos paleoíndios que habitaram a região e ali deixaram o legado de muitos dos seus costumes que são reproduzidos biossocialmente. O livro ainda mostra com que cuidado se há de fazer os levantamentos documentais – inclusive fotográficos, da memória social por meio de registros da fala e imagéticos, servindo como modelo metodológico de pesquisa de campo e bibliográfica, e do levantamento de fatos históricos relevantes de modo rico e diferenciado.

Outro ponto forte a se destacar é o cunho interdisciplinar do livro. Nesses termos, tal *approach* contribui para riqueza de dados, com tal detalhamento que pode ser utilizado como modelo de explicações sobre acontecimentos históricos das trajetórias humanas, econômicas políticas e ambientais de muitas comunidades semelhantes na Amazônia. E isso pode ser dito especialmente em relação às que são vítimas do descaso político e da falta de governança, além de constituir um laboratório sobre a discussão acerca do desenvolvimento.

E quando se trata especificamente de desenvolvimento voltado para localidades pequenas e interioranas da Amazônia, as autoras descrevem fatos em Pacamorema que são o reflexo das políticas governamentais nocentes ou não implementadas que são projetadas para a região e que se interligam a toda sua história e reverberam até hoje. Desse modo, elas expõem problemas crônicos, como: educação sem qualidade, falta de infraestrutura de transporte, atendimento precário à saúde, e a dinamização fraca e decadente da economia. Nessa perspectiva, não se valorizam os trabalhadores locais, que não são orientados para o aproveitamento e uso sustentável dos recursos.

Esses são problemas que ganham proporções maiores quando se trata da ilha de Pacamorema, localizada em Área Protegida (AP), como é o caso da RESEX Mãe Grande, em Curuçá, estado do Pará. Mas, como argumentam as autoras, o isolamento não pode servir de escusa para o descaso do Estado e da sociedade em geral. Antes, percebe-se uma reificação mítico-lendária quanto à existência de feiticeiras na ilha, isso em vez de – como assinalado por Simonian et al. – dar-se vazão à efetivação de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento e à

sustentabilidade.

Enfim, muito longe de ser um livro limitado pelo seu objeto de estudo, que é a ilha de Pacamorema, configura-se como uma base rica de informações sobre a Amazônia. Assim, pode e tem, de fato, que ser utilizado como referência em qualquer estudo sobre a região, em específico quando se trata de localidades dentro de UC, além de fornecer o passo a passo das bases de um "preceder" em pesquisa de campo. Pela sua natureza interdisciplinar, essa obra é essencial não só para a área da antropologia, mas também nas das disciplinas que têm na região Amazônica, na biodiversidade e entre as populações tradicionais seus *locus* e/ou objetos de pesquisa.

Mauro Castro

Tem graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, é especialista em Unidades de Conservação e Áreas Protegidas pelo NAEA/UFPA, Mestre em Agriculturas Amazônicas e Desenvolvimento Sustentável pelo INEAF/UFPA/EMBRAPA. Tem experiência em antropologia da alimentação, antropologia da saúde, análise de redes sociais, conflitos sobre recursos naturais, grandes projetos e populações tradicionais.

Belém, dez. de 2018.